



REDES SOCIAIS: O NOVO LAGO DE NARCISO

Ananda Luiza Breitenbach^a, Rudimar Mendes^{b*}

Informações de Submissão

*Autor correspondente (Orientador)
Rudimar Mendes, endereço: Rua Os Dezoito
do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS - CEP:
95020-472

Palavras-chave:

narcisismo, redes sociais, estágio do espelho,
sujeito e assujeitamento.

Resumo

Partindo da ideia de que o sintoma narcísico tem -se mostrado cada vez mais presente nas relações das pessoas com as redes sociais, este trabalho se propôs a investigar a relação entre os indivíduos e seu comportamento auto expositivo excessivo nas redes sociais, tendo como referencial as obras de Freud e Lacan e dos comentadores atuais. O trabalho buscou entender os principais conceitos envolvidos nas relações narcísicas, para isso descreveu-se os conceitos de narcisismo de Freud, o estágio do espelho de Lacan, e os conceitos de sujeito e assujeitamento de Lacan. Para elaborar esse trabalho, optou-se por uma metodologia de pesquisa bibliográfica, onde as coletas dos dados foram obtidas por meio de bases científicas, tais como: livros, artigos, revistas, dissertações, teses e outros.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca fazer uma análise acerca da utilização das redes sociais e suas implicações para as interações humanas a partir desse deslocamento das relações interpessoais para o abstrato das redes sociais. Tendo em vista o grande avanço das relações virtuais, e da criação de perfis em redes sociais, buscou-se pensar nas consequências advindas de tais comportamentos.

Além disso, permitiu-se fazer uma análise dos possíveis fatores implicados nessas relações com a autoimagem exposta. Para isso serão apresentadas as teorias de narcisismo de Freud, o estágio do espelho de Lacan e os conceitos de sujeito e assujeitamento, bem como a discussão acerca desse mito que ronda os sujeitos na atualidade, além de entendermos o conceito de redes sociais virtuais na psicologia.

Considerando a alta exposição das imagens pessoais nas redes sociais, verificou-se a necessidade de fazer um aprofundamento teórico a cerca da origem do narcisismo nos indivíduos e analisar qual a ligação entre os processos psíquicos da construção do

Eu estão implicados nesse comportamento. Levando em conta o momento em que vivemos, no qual se percebe a necessidade do olhar outro (semelhante) para que o indivíduo se auto afirme, voltando ao narcisismo primário, assim como a necessidade desse Outro unificador e repleto de significantes para aplacar o vazio da contemporaneidade, percebeu-se a necessidade de discutir tal tese. Outra questão importante, que justifica a relevância deste conteúdo, é a dificuldade em encontrar artigos e escritos que reflitam sobre esse tema tão atual.

Para entender melhor os mecanismos que regem esse enlace do indivíduo com o Outro (redes sociais) buscou-se primeiramente conhecer as teorias primordiais dos principais teóricos psicanalíticos. Delineou-se, por exemplo, a teoria do narcisismo de Freud, que apesar de introdutória e incompleta foi capaz de esclarecer a origem da busca pelo amor ideal, pressuposto aqui como a busca pela imagem ideal (FREUD, [1914] 1996).

Após entender o narcisismo, buscou-se analisar o estágio do espelho de Lacan, precursor no entendimento do conceito de sujeito. Como sequencia lógica descreveram-se os conceitos de sujeito e assujeitamento, tudo com o intuito de avaliar as questões primordiais envolvidas nesse comportamento, de certa maneira patológico, que é o excesso de exposição da autoimagem nas redes sociais.

Este trabalho busca contribuir com o pensamento crítico a respeito desse comportamento e pensar a serviço do que está essa conduta na atualidade. Pensa-se que esse primeiro passo abrirá portas para futuros estudos do comportamento humano atual, que cada vez mais se mostra caindo num vazio especular, voltando ao que parece, a uma busca por esse olhar totalizador do espelho, ou no presente caso, metaforicamente falando, das redes sociais.

Destacamos que os objetivos desse trabalho são os de entender a origem desse sintoma narcísico que toma o sujeito diante desse comportamento, e questionar: Qual a finalidade dessa auto exposição excessiva nas redes sociais? Buscou-se primeiramente a base dos conceitos, tanto do sintoma narcísico quanto dos constructos a respeito do sujeito, para que depois da análise destes se possa compreender a demanda exigida por esses internautas através do olhar do outro semelhante, das curtidas nas imagens publicadas, e da exigência desse Outro, que em nosso trabalho também podemos considerar por aquele que está do outro lado da rede social, que nunca corresponde àquilo a que dele exigem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

1 Narcisismo, Estádio do espelho e conceitos de sujeito e assujeitamento na psicanálise;

Na mitologia grega Narciso era uma criança linda, que encantava a todos com sua beleza. Sua mãe, que o amava muito, preocupada com a admiração de todos o levou a um sábio que recomendou que Narciso nunca olhasse seu reflexo no espelho. Apesar dos esforços maternos, Narciso se deparou com sua imagem refletida em um lago. Como nunca antes havia visto sua imagem, Narciso enamorou-se por ela com quem pensava estar dialogando. Embriagado por esse amor, Narciso adentra no lago em busca de seu reflexo e acaba por afogar-se (CABRAL, 2018).

Na psicanálise a hipótese de narcisismo é apresentada por Freud em 1910 para explicar a chamada escolha narcísica de objeto sexual a partir do conceito de homossexualidade, explicitados a partir dos casos *Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci (1910)* e *O Caso Schreber (1911)*. Num primeiro momento, o conceito de narcisismo ocorre no campo da patologia, com o caso Schreber; no entanto, apoiado em novos estudos detalhados do assunto, Freud deixa de assimilar o narcisismo como uma perversão – escolha do próprio corpo como objeto amoroso – e passa a conceituá-lo como um estágio normal do desenvolvimento, discorrendo sobre o assunto no texto *Uma introdução ao Narcisismo de 1914* (GAIO, 2015). A partir disso, Freud conceitua o narcisismo à ordem do desenvolvimento infantil e dos investimentos libidinais, que podem ser direcionados ao próprio ego ou aos objetos (FERNANDES, 2008). Freud pontua haver uma localização libidinal muito mais extensa do egoísmo e do sentido de autopreservação de todas as criaturas vivas (FREUD, [1914] 1996).

Freud conceitua “que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada às catexias objetais”. (FREUD, [1914] 1996, p. 83). Ademais, pontua que partindo dos sintomas neuróticos a localização da libido permanece oculta, já que somente emanções dessa libido são observáveis, com catexias objetais sendo transmitidas e retiradas do ego, sendo as libidos do ego uma antítese das libidos objetais. No entanto, Freud aponta que “somente quando há catexia objetual é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia dos instintos do ego”. (FREUD, [1914] 1996, p. 84).

Para Freud, a fase da infância, quando toda satisfação libidinal do bebê é direcionada ao próprio corpo, anterior à formação do ego, foi denominada de narcisismo primário, em que o bebê satisfaz a si mesmo, a partir do amor dos pais. Entretanto, essa fase está fadada a ser interrompida, no momento em que a criança percebe que não é o único objeto de amor destes. A essa nova fase, quando a criança passa a agradar ao outro para reconquistar seu amor, denomina-se narcisismo secundário, ou narcisismo do ego. De modo geral, ambos os narcisismos, primário e secundário, irão constituir a personalidade do sujeito, já que advêm do olhar libidinizado da mãe, com o qual a criança passa a se sentir amada e a reconhecer sua existência. A partir daí, o indivíduo tem como base para todas as suas escolhas e relações objetais o período de desenvolvimento do amor por si mesmo (ARAÚJO, 2010).

A respeito das escolhas objetais, Freud descreve dois modelos, o anaclítico e o narcisista, em que o primeiro está diretamente ligado ao amor da mãe – ou daqueles que a substituíram como primeiro objeto de amor – e intimamente vinculado às satisfações básicas do bebê. Já o segundo modelo de escolha objetal, denominado narcisista, tem a si mesmo como objeto amoroso. Ambos estão presentes no sujeito, porém em graus diferenciados (ARAÚJO, 2010).

Em seguida, ainda no capítulo *Introdução ao Narcisismo*, Freud abandona os estudos do narcisismo original das crianças para indagar a respeito da observação de adultos normais. Freud questiona a respeito da megalomania antiga e posteriormente contida, cujas características psíquicas narcísicas infantis foram apagadas nos adultos e discorre a respeito do destino da libido do ego e se elas foram convertidas em catexias objetais. (FREUD, [1914] 1996). Para indicar o destino da libido egoica não utilizada nos investimentos objetais, Freud sugere encontrar respostas na Psicologia da repressão, em que “para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão”. (FREUD, [1914] 1996, p. 100).

O narcisismo surge como um deslocamento desse novo ego ideal, que assim como o ego infantil – ego real – encontra-se tomado de perfeição de valor. O homem busca reter a perfeição do narcisismo infantil que, ao crescer, percebe-se perturbada por terceiros, sob a forma de ego ideal. Sobre isso, Freud refere que, “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal”. (FREUD, [1914] 1996 p. 101).

Freud afirma que a repressão vem do eu, indicando a formação do ideal de eu. Sobre isso, Gaio (2015) cita uma passagem de Simanke (2009) que esclarece a entrada no conceito de superego:

Além de se encontrar na origem do superego e, portanto, integrar a série de inovações teóricas que irão culminar na segunda tópica. [...] assim como, posteriormente, o superego será considerado o herdeiro do complexo de Édipo, o ideal de ego será uma espécie de herdeiro do narcisismo infantil. (SIMANKE, 2009 p. 135 *apud* GAIO, 2015 p. 42).

Frente à iminência de perder o ideal narcísico da infância, o sujeito irá projetar a busca para readquiri-lo com o ideal de eu. O ideal de eu como instância que precede o superego, cuja consciência moral advém da influência crítica dos pais, teria o ideal de eu como precursor do superego, resultante do complexo de Édipo (GAIO, 2015).

Paralelo às escolhas objetais, Freud correlaciona a autoestima como derivada do narcisismo, quando afirma que todos os remanescentes do que a pessoa detém ou realiza são oriundos do narcisismo infantil. Postula que a autoestima é aumentada quando o sujeito se sente amado, e que esta depende de três aspectos: os resíduos do narcisismo infantil; as realizações do ideal de ego, que corroboram com a onipotência infantil; e, a satisfação da libido objetal, intimamente ligada ao sentimento de ser amado (ARAÚJO, 2010).

Quando o sujeito percebe a falta do ideal de ego e não consegue realizar-se, ele toma o ideal de ego como a cura para a sua infelicidade, investindo no outro aquilo que não pode atingir consigo mesmo na busca da felicidade (FREUD, [1914] 1996). Além disso, Freud conceitua o amor e o estar apaixonado, como um fluir da libido do ego em direção aos objetos, e que as condições para o amor estão intimamente ligadas às condições infantis para amar. Além disso, esclarece que a satisfação dessas condições é idealizada, com uma relação auxiliar com o ideal de ego. Sobre isso, Freud afirma que “nesse caso, uma pessoa amará segundo o tipo narcisista de escolha objetal: amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve”. (FREUD, [1914] 1996, p. 107).

Pela primeira vez o amor é abordado no campo da Psicologia, abrindo espaço para o entendimento das relações humanas, não somente individuais como as em grupo. Finalizando assim, a introdução ao narcisismo como algo também relativo aos neuróticos; saindo, desse modo, do campo da patologia (ARAÚJO, 2010).

Dando continuidade aos estudos sobre o narcisismo, temos a teoria do estágio do espelho de Lacan, cujo autor conceitua o estágio do espelho como função do Eu na Psicanálise. O Eu com maiúscula é explicado no texto *O estágio do espelho como formador da função do eu* (1966) por uma nota de rodapé. Eu com maiúscula se traduz do francês para sustentar o Eu, sujeito do inconsciente (*Je*), diferente do eu (*moi*), pronome pessoal francês, que aparece na

tópica freudiana de eu, supereu e isso (*moi, surmoi e ça*), sendo o eu vertente do *moi* do texto original. No texto, Lacan esclarece que a função do Eu acontece na experiência psicanalítica, opondo-se a qualquer filosofia ligada ao *Cogito Cartesiano*¹. (LACAN, [1949] 1998).

O conceito do estágio do espelho, como a constituição do Eu diante da identificação com a imagem do outro, é introduzida por Lacan como a primeira fase de identificação do sujeito. Num primeiro momento, a criança é tomada por uma *imagem especular* que é mediadora entre o eu interno e o externo, sendo esta fundamental para que o sujeito reconheça o interno como próprio. Inicialmente, o eu imagem é elucidado pelo experimento do espelho e o fenômeno de reconhecer-se (IMANISHI, 2008). Para exemplificar, Lacan postula que a criança é superada em inteligência pelo chimpanzé por um curto espaço de tempo, já que o chimpanzé reconhece sua imagem refletida no espelho. Esse ato de reconhecimento, diferentemente ao do macaco, está longe de se esgotar, já que, uma vez adquirido repercute na criança a partir dos movimentos, tanto lúdicos quanto por uma série de gestos. A relação com os movimentos refletidos na imagem, na relação do complexo virtual com o real, causará um processo de reduplicação de seu próprio corpo com as pessoas e com objetos ao seu redor (LACAN, [1949] 1998).

Segundo Lacan, o estágio do espelho ocorre a partir dos seis aos dezoito meses de idade, a essa vivência atribui-se o nome de *identificação primordial*, quando, por meio de uma euforia jubilatória, a imagem especular refletida no espelho cativa o bebê produzindo assim uma identificação. Confere-se o nome de estágio do espelho a essa transformação do sujeito frente à sua imagem (LACAN, [1949] 1998).

Dor (1989) refere que a fase anterior ao processo psíquico da estruturação do Eu pelo estágio do espelho Lacan nomeia de *fantasma do corpo esfacelado*, em que a criança não se vê como um ser totalmente unificado, mas sim como algo disperso. É durante essa primeira fase que o sujeito dá-se conta da totalidade da imagem do seu corpo, testemunhando a confusão primeira entre si e o outro (DOR, 1989). Lacan cita que: “[...] no estágio de *infans* [...], parece manifestar [...], a matriz simbólica em que o Eu se precipita numa forma primordial, antes de se identificar a dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito”. (LACAN, [1949] 1998, p. 98). Ademais, constata que o *eu ideal* seria a origem das identificações secundárias, situando a instância do eu, antes da

¹ *Cogito cartesiano*: Pensamento de Descartes na certeza do *cogito*, Deus como garantia das verdades inatas. Deus como o Grande Outro perfeito (BASTOS, 2006). Reconhecer a existência do homem onde há pensamento (PISETTA; BESSET, 2011).

determinação social e da resolução da dualidade na condição de Eu e das discordâncias de sua realidade. (LACAN, [1949] 1998). Portanto, a criança troca a imagem esfacelada de si por uma totalidade unificada da imagem. Em vista disso, Dor ressalta: “A imagem do corpo é, portanto, estruturante para a identificação do sujeito, que a partir dela realiza assim sua identificação primordial”. (DOR, 1989, p. 80).

Lacan assinala que a forma total do corpo é uma *Gestalt*², com a permanência mental do Eu e sua destinação alienante, numa relação ambígua. Primeiramente, analisa-se que, para que uma criança se reconheça na imagem como corpo total, ela deve reconhecer que a imagem é dela, ao mesmo tempo em que não é dela, ou seja, está alienada. Lacan alega que a imagem refletida corresponderia ao outro semelhante, e é por meio do outro que a criança sustenta sua imagem corporal numa *Gestalt* (IMANISHI, 2008).

A constituição do Eu na criança não depende somente da maturação física, ela depende dos investimentos libidinais do outro, que a introduzem na linguagem. A partir das necessidades biológicas do bebê, a mãe inscreve marcas e empresta significados para nomear sensações. Segundo Imanishi (2008, p. 141):

[...] o bebê se dirige a este Outro – espelho – encarnado neste outro – semelhante – em busca de uma imagem que o totalize. É o olhar da mãe que antecipa a Gestalt de um corpo unificado do bebê. [...] percebemos que se trata de um eu assujeitado ao Outro e ao seu desejo. No entanto, este assujeitamento inicial é entendido como fundamental e necessário para que a criança possa vir a se inserir no mundo dos humanos.

O estágio do espelho tem a função da *imago*, numa relação do sujeito com sua realidade do *Innenwelt* (mundo interior) com o *Umwelt* (mundo exterior). Lacan afirma ainda que essa dialética é temporal e dramática para o sujeito, que produz fantasias da imagem despedaçada do corpo e também de sua totalidade. Totalidade essa que Lacan chamou de ortopédica, conseqüentemente, alienante, sinalizando a estrutura rígida do seu desenvolvimento mental. Por conseguinte, Lacan argumenta que “o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu”. (LACAN, [1949] 1998, p. 100).

O modelo que representa a relação libidinal com a imagem do corpo, conseqüentemente a relação dual conflitiva do sujeito, foi apresentada por Lacan na Teoria do Estádio do Espelho

² *Gestalt*: forma

de 1949, como um modelo que atravessa toda a vida do indivíduo. A problemática da dualidade do eu e do corpo, presente na Teoria Psicanalítica desde seus primórdios, sofreu reformulações. Lacan introduz o conceito de imaginário, simbólico e real para explicar essa conflitiva. A relação com o corpo, não biológico, mas virtual (corpo-imagem), marcado pelo significante (corpo-fala), e tomado pela libido (corpo-gozo) foi introduzida pelo autor na Teoria do Estádio do Espelho, cujo espelho é mais relevante do que o estádio, ou seja, a percepção e relação entre o sujeito e o outro é mais importante do que a propriocepção (GRECO, 2011).

O Estádio do Espelho conclui-se a partir da identificação da *imago* do semelhante e do drama pelo ciúme primordial, em que surge a dialética que liga o Eu a situações sociais. É esse momento que fará o sujeito constituir seus objetos de desejo por meio da concorrência com o outro, o que faz do Eu um aparelho psíquico perigoso, em que qualquer impulso dos instintos pode levar ao ato (LACAN, [1949] 1998). Lacan ainda cita o termo narcisismo primário e os investimentos libidinais característicos desse momento, esclarecendo a oposição entre a libido narcísica e a libido sexual, em que a libido narcísica estaria relacionada à função alienante do Eu nas relações com o outro, diferente da libido sexual (LACAN, [1949] 1998).

Esta teoria conceitua que o espelho é o início da subjetividade humana, tendo a imagem do corpo como uma “matriz simbólica” do sujeito, marcando, assim, sua presença no mundo. Além disso, a sombra da presença do Outro³ marca no sujeito a entrada do significante, desintegrando o eu (*moi*) que entra no discurso para dar sustento ao sujeito do Eu (*Je*). (GRECCO, 2011).

Para um melhor entendimento dos efeitos dos processos primários e secundários do narcisismo de Freud e do estádio do espelho de Lacan na constituição de sujeito dos indivíduos, é necessário compreender o próprio conceito de sujeito, que deriva da teoria lacaniana criada a partir dos pressupostos teóricos de Freud. A partir de um breve apanhado dos conceitos destes teóricos acerca de sujeito e inconsciente que será possível compreender a constituição de sujeito e do assujeitamento (PIZUTTI, 2012).

A partir dos estudos dos casos clínicos e da utilização da *associação livre* na análise de suas pacientes, Freud postula a existência do inconsciente. Além disso, conceitua a teoria da sexualidade a partir dos artigos *Três ensaios sobre a sexualidade (1905)* e *Interpretação dos*

³ Grande Outro: Conceito utilizado por Lacan para diferenciar o sujeito (a) do sujeito do inconsciente (A), assim o Outro é a linguagem, o inconsciente, a Outra cena. A linguagem como condição ao inconsciente. O Grande Outro também é barrado, algo lhe falta, um vazio, um furo, condição advinda da castração. O Grande Outro exerce poder sobre o sujeito por meio de um emissário. As figuras representantes do pequeno outro (a) como pai, mãe, etc são emissários do Grande Outro (GERBASE, 2010).

sonhos (1900), auxiliando na construção do conceito da constituição de sujeito. A sexualidade como temática inovadora proporcionará pensar no conceito de inconsciente e nas memórias infantis reprimidas nessa instância, sendo essa instância pertencente ao aparelho psíquico (PIZUTTI, 2012).

Sobre o aparelho psíquico, Freud conceitua que:

[...] um ato psíquico passa por duas fases quanto a seu estado, entre as quais se interpõe uma espécie de teste (censura). Na primeira fase, o ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema *Ics*; se, no teste for rejeitado pela censura, não terá permissão para passar à segunda fase; diz-se então que foi ‘reprimido’, devendo permanecer inconsciente. Se, porém, passar por esse teste, entrará na segunda fase e, subsequentemente, pertencerá ao segundo sistema, que chamaremos de sistema *Cs*. mas o fato de pertencer a esse sistema ainda não determina de modo inequívoco sua relação com a consciência. (FREUD, [1915] 1996 p.177-178).

Ainda não é consciente, embora, certamente, seja capaz de se tornar consciente. [...] o sistema *Pcs*. participa das características do sistema *Cs*., e que a censura rigorosa exerce sua função no ponto de transição do *Ics*. para o *Pcs*. (ou *Cs*.). (FREUD, [1915] 1996 p.177-178).

Para Freud, a personalidade é regulada por essas três instâncias e a dinâmica entre elas. Desse modo, o inconsciente é um conjunto de conteúdos recalçados e rejeitados pelo pré-consciente/consciente a partir da censura moral (recalcamento). Além disso, Freud postula que a criança é um papel em branco e necessita da linguagem imprimida pela mãe para adquirir um lugar na existência. Assim, apoiado nessas três grandes teses, da noção de inconsciente, da sexualidade infantil e da linguagem, que Freud constitui o sujeito (PIZUTTI, 2012).

Lacan conceituará o sujeito (Eu - *Je*) que difere do indivíduo (eu - *moi*) – citado anteriormente – como alguém que depende da significação do Outro; a saber, não adianta ser carne é preciso ser cuidado pelo outro semelhante, e que este outro imprima a significação advinda da linguagem, da fala. É a partir do saber da mãe e da impressão dos significantes maternos que o *infans (aquele que não fala)* descobrirá a satisfação do gozo. Em função disso, Lacan (1999, p. 195) afirma que “[...] não há sujeito se não houver um significante que o funde”. No entanto, o sujeito submete-se a um dentre os vários significantes da mãe, já que o indivíduo não pode ser totalmente coberto pelo significante do Outro, existindo sempre uma falta. Nesse sentido, entra o jogo entre vida e morte, entre o ser e o sentido, em que a escolha de

um implica a perda do outro, produz-se, assim, a afânise, o desaparecimento do sujeito. (BRUDER; BRAUER, 2007).

Para Lacan, essa escolha é forçada e exige a operação de um elemento, em que não importa a escolha feita, sempre terá como consequência esse *nem um, nem outro*. Lacan exemplifica essa escolha com a frase “a bolsa ou a vida⁴”, e explica que independente da escolha algo sempre será decepado, algo sempre ficará faltando (BRUDER; BRAUER 2007).

Na constituição de sujeito, o termo alienação apresentado por Lacan surge para explicar essa escolha forçada, cujo sentido abrange o desaparecimento do ser, que é eclipsado pelo significante do Outro. No primeiro tempo, o sujeito não fala e para alçar-se à linguagem ele requer dois significantes, conseqüentemente, para operar o segundo significante o sujeito divide-se em dois, S1 e S2. Lacan postula que o primeiro significante, o significante unário advém do campo do Outro, representando o sujeito para um outro significante, em que esse outro significante tem como efeito a afânise do sujeito. Essa divisão do sujeito manifesta-se como *fading* (desaparecimento), surgindo a questão de vida ou morte entre o significante unário e o sujeito como significante binário, o que causa seu desaparecimento. “O *Vorstellungsrepräsentanz* é o representante da representação e de significado binário”. (LACAN, 1973/1988 p.207). Sobre o *Vorstellungsrepräsentanz* Lacan ainda explica:

Este significante vem construir o ponto central da *Urverdrängung* - daquilo que, a ser passado ao inconsciente será, como indica Freud em sua teoria, o ponto de *Anziehung*, o ponto de atração por onde serão possíveis todos os outros recalques, todas as outras passagens similares ao lugar do *Unterdrückt*, do que é passado por baixo como significante. Aí está o de que se trata no termo *Vorstellungsrepräsentanz*. (1973/1988 p. 207).

Portanto, o sujeito surgirá a partir do efeito da articulação entre S1 e S2. O sujeito identifica-se com o traço significante do Outro e é capturado por esse significante; assim, o sujeito encontrar-se-á assujeitado pelo significante do Outro. Em outras palavras, para se tornar sujeito psíquico, o bebê inicialmente será objeto de desejo do Outro Primordial, essa fase de alienação ao desejo do Outro é o primeiro tempo da constituição do sujeito. Por conseguinte, a

⁴ “a bolsa ou a vida”: “Supõe-se que alguém force o sujeito a escolher entre a bolsa e a vida. Se escolhe a bolsa, perde as duas. Se escolhe a vida, tem a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada. Há um fator letal aí dentro, diz Lacan, como se percebe nesse enunciado um pouco particular que faz intervir a própria morte: em "A liberdade ou a morte!", qualquer que seja a escolha, têm-se as duas (BRUDER; BRAUER; 2007 p. 515).

alienação é constitutiva do Eu e estar assujeitado ao desejo do Outro é indispensável para a inauguração do sujeito psíquico. O assujeitamento acontece pela via especular, postulada por Lacan na Teoria do Estádio do Espelho. (OLIVEIRA-MENEGOTTO; HEIDRICH, 2012).

Conclui-se, então, que o indivíduo nasce apenas como um amontoado de células, um pedaço de carne, e que o desejo do Outro possibilitará a constituição desse indivíduo em sujeito; assim, é a palavra e o desejo mediados pelo outro que fundam o sujeito. Conforme Lacan, o suposto sujeito é aquele que não foi marcado pelo significante do Outro, mas que ao ser ressoado pelo discurso do outro desperta a pulsão (PIZUTTI, 2012).

1.2 Redes sociais virtuais;

Uma estrutura social composta por pessoas denomina-se rede social, cujos indivíduos estão conectados por diferentes tipos de relações, valores ou objetivos comuns (HALT G. 2014). As redes sociais virtuais são um sistema que funciona com o princípio da interação social entre indivíduos, conectando pessoas e proporcionando a comunicação entre elas forjando laços sociais (RECUERO, 2004).

As redes sociais virtuais operam em diferentes níveis de relacionamento, sejam eles pessoais ou profissionais, com interesses individuais ou coletivos. Cada vez mais as redes sociais tem adquirido importância na sociedade, e tem como ponto comum o compartilhamento de informações, conhecimentos e interesses, dentre outros. As principais ferramentas de interações sociais virtuais são: o Facebook, Instagram, Twitter, Linkedim e Pinterest (dentre outras) (HALT, 2014).

Um estudo realizado pelo jornal *Personality and Individual Differences* publicou que um número alto de amigos na rede social virtual Facebook estaria diretamente relacionado com a alta pontuação no “Inventário de personalidade narcisista”, cujos indivíduos responderiam mais agressivamente a comentários, e com uma maior troca de fotos de perfil e de publicações do que outros usuários (DEMARIA, 2012). Acerca desse mundo virtual Pinto (2009) correlaciona à ampla rede de relações pessoais virtuais com o distanciamento das relações reais, dispersando-se na infinita rede de contatos online, mas raramente mantendo vínculos permanentes.

A autora ainda cita Bauman (2005), cuja visão sobre os relacionamentos virtuais abrange a teoria de que a compulsividade pelos relacionamentos virtuais estaria

intimamente ligada a dolorosa falta das redes seguras de parentesco ou amizade, compensando a intimidade perdida com o excesso destinado ao virtual, seja ele nas redes sociais, nos aplicativos de mensagens ou namoros online (BAUMAN, 2005, citado por PINTO, 2009). Ademais conceitua que a multiplicidade de interações permissíveis no ciberespaço reconfigura o modo como o indivíduo se vê, influenciado por imagens, propagandas, grupos políticos, etc. produzindo assim uma nova identidade com o intuito de pertencer a este mundo virtual. Além disso, para atender as necessidades evocadas pela relação virtual, além da própria manifestação de seus desejos, o indivíduo faz uma transmutação do eu, tornando-se assim um sujeito impelido pelo desejo de novas configurações corporais, comportamentais e sociais permitidas no mundo virtual (PINTO, 2009).

3 METODOLOGIA

1 Delineamento de estudo

A metodologia empregada na construção deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, que consiste em analisar materiais já publicados para elaboração de um estudo (GIL, 2010). A coleta de dados foi feita por meio da análise de livros, artigos e periódicos psicanalíticos. Segundo Barros (2007, p. 33), “o levantamento de dados [...] em sua maioria, refere-se à análise do material bibliográfico que envolve a competência da leitura [...]”. Os materiais encontrados em jornais, revistas, livros, teses e dissertações, permite que o pesquisador esteja atualizado sobre a temática investigada (PRODONAV E FREITAS, 2013).

2.2 Procedimentos de coleta e análise de dados

Neste estudo as informações foram coletadas em bases de dados distintas, como Pepsic, Google Acadêmico, SciELO entre outros sites de psicologia e psicanálise. Utilizaram-se como termos de busca os descritores: narcisismo, redes sociais, o estágio do espelho e assujeitamento, além disso, os constructos teóricos foram embasados em leituras bibliográficas de livros publicados de 1914 até a atualidade.

A construção desse artigo se deu a partir de uma revisão bibliográfica, que contempla os conceitos narcísicos propostos por Freud, a compreensão do estágio do espelho de Lacan para complementar o entendimento sobre o narcisismo e a análise dos conceitos de sujeito e assujeitamento na psicanálise, visando entender a relação dos sujeitos com as exposições excessivas nas redes sociais, além de conceituar as redes sociais em si.

Com isso, este artigo foi embasado em fontes bibliográficas como artigos e livros, sendo que Marconi e Lakatos (2008, p.57) discorrem sobre o assunto afirmando que “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. Para Almeida Júnior (in. CARVALHO (org.) 1989, p.100) “a PESQUISA BIBLIOGRÁFICA é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema”.

Ainda sobre as fontes bibliográficas Marconi e Lakatos (2008, p. 57) descrevem que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque e abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Sendo assim, se buscará comprovar na revisão bibliográfica o problema de pesquisa proposto, criando outros saberes científicos acerca do assunto. Sobre isso também se postula que:

A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades. (CHIARA, KAIMEN, et al., 2008).

Com base na leitura completa de dezenove artigos atuais e cinco livros de referencia na psicanálise, pode-se discutir a perspectiva acerca das redes sociais com o sintoma narcísico encontrado na atualidade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da leitura do conceito de narcisismo para Freud, e do estágio do espelho para Lacan, bem como dos conceitos de redes sociais virtuais pode-se pensar os impactos das redes sociais nos indivíduos. Além disso, foi possível relacionar a causa desse sintoma gerador de sofrimento na atualidade a partir das matrizes constitutivas dos sujeitos.

Frente aos dados coletados na pesquisa bibliográfica, conseguiu-se comparar o narcisismo introduzido por Freud como um sintoma da atualidade, especificada pela compulsão cada vez maior pelo culto da imagem perfeita. Essa compulsão vem crescendo a partir do século XXI, verificado pelo aumento da moda fitness, o culto ao corpo perfeito, o aumento nos números de cirurgias plásticas, etc. Como reflexo dessa “

cultura do narcisismo” encontram-se as compulsões nas redes sociais, exemplificadas pela auto exposição de imagens, atualizações de status, crescente número de *selfies* e mensagens destinadas à própria rede, além da constante busca pelas “curtidas” dos semelhantes. Pinto (2009) ainda cita que ao vincular uma imagem o indivíduo obtém mais prazer em se ver, do que de ser visto pelos outros. Dessa maneira a tela do computador (a saber, *tablets*, *smartphones*, etc...) tornou-se nada mais do que uma nova versão do espelho de narciso, cuja imagem refletida não tem contornos da imagem real, mas sim da imagem que o sujeito projeta de si mesmo. A autora ainda cita que o subjetivo é uma construção, e que essa construção se sustentava na ilusão de limites corporais mais ou menos estáveis, cuja estabilidade está sendo abalada pela imagem virtual, colocando assim o corpo numa interrogação, ou seja, na visão de narciso de sua própria imagem no lago, sem bordas e linhas estruturadas (PINTO, 2009).

Anteriormente citou-se a teoria do espelho de Lacan, na qual a imagem da criança refletida no espelho não é a imagem real de seu corpo, mas sim uma imagem idealizada pelo Outro materno. Essa imagem produz reações nos outros, e é pela busca desse ideal que o sujeito passará a se reconhecer, dando mais importância às aparências do que às sensações internas. Essa desilusão fará com que a pessoa utilize a sua imagem especular em favor do seu narcisismo, utilizando assim o mundo virtual numa tentativa de alcançar o ideal de eu narcísico. Essa busca se explica pelo retorno a uma época onde o vazio não havia se instaurado, no qual a sensação de completude era acolhedora. Sendo assim, o mundo virtual possibilita uma volta aos ideais infantis outrora perdidos (AMORIM, 2013).

Para Gevertz (2002, p. 207, citado por AMORIM, 2013):

Na realidade virtual, uma pessoa pode se apresentar tal como gostaria de ser e também pode ser como imagina que o “outro” desejaria que fosse. Da mesma forma, o outro também pode existir conforme é cobiçado. A realidade virtual pode se tornar, assim, uma dimensão onde estão projetados todos os desejos e busca de satisfação do ser humano, com a qual ele se relaciona e se identifica (...).

Conseqüentemente a internet e as redes sociais simbolizam o espelho que fornece a imagem do eu idealizado e do outro idealizado, permitindo assim que o sujeito passe a acreditar na possibilidade de viver conforme seus desejos narcísicos. Desse modo é possível pensar que a confusão entre a realidade e a virtualidade seja uma maneira de atingir a satisfação pela busca do princípio do prazer, numa tentativa torpe

de desviar-se do desprazer de viver para encontrar o prazer na vida dita ideal/virtual. Outra dinâmica importante presente na realidade virtual das redes sociais é o vislumbre da própria imagem lançada à rede e a cativação do olhar do outro frente a essa imagem. Essa promoção da própria imagem está ligada ao desejo de ser o objeto de desejo do Outro, para que o Eu possa ser reconhecido e validado como alguém por este Outro (AMORIM, 2013).

Com base nos conceitos de Lacan pode-se pensar que a relação entre o sujeito e a rede social é norteadada pelo Outro. Para Amorim (2013 p.36) “O Outro será o responsável pelas imagens tomadas pelo indivíduo. Quando o indivíduo fala através da rede virtual, pode-se dizer que sua fala se dirige ao Outro, ainda que não saiba a que Outro se remete”. Por fim, cita-se que Lacan destaca a importância de o indivíduo descobrir, mesmo que lentamente, a que Outro ele realmente está remetendo (AMORIM, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho nos deparamos com os conceitos que rondam o mito narcísico na atualidade e sua ligação com as relações virtuais destinadas as redes sociais. Assim como uma criança dirige-se ao espelho em busca do olhar materno, ou do olhar especular do grande Outro, os sujeitos na atualidade estão se dirigindo cada vez mais às redes sociais em busca desse olhar totalizador. A constante busca pelo ideal de Eu, que remete ao estágio do espelho, fase constituinte do sujeito vivida na infância, ideal este reconfortante e remetente ao amor materno, ampara a necessidade de se auto expor nas redes sociais, onde o sujeito se permite ao excesso.

Assim como Narciso enamora-se por sua imagem e deleita-se para o lago, os sujeitos se colocam em uma posição de gozo em relação a este objeto redes sociais e enamoram-se pela imagem refletida de si através das fotos e status lançados à rede. Os narcisos da atualidade gozam na expectativa da devolução do Outro (redes sociais), no entanto esse Outro nunca lhes retorna, o que gera uma angústia e uma necessidade crescente de lançar novas imagens à rede.

Pode-se pensar também na necessidade das curtidas dos outros semelhantes, que supostamente justificam essa enxurrada de imagens e atualizações lançadas a rede, no entanto, apesar das curtidas gerarem algum conforto, elas somente alimentam esse vazio deixado pela ausência do retorno do Outro (rede social). Os sujeitos, fragmentados, buscam preencher o vazio deixado pelo grande Outro materno, com uma compilação de imagens pessoais de uma vida ideal, ou seja, de um ideal de Eu, na esperança que o Outro retorne os seus apelos e valide sua imagem ideal, o que nada mais é, do que a busca pelo amor materno perdido na infância.

Outra questão pulsante na atualidade e que remete aos caprichos da criança birrenta que exige a atenção total de sua mãe, e não suporta a ideia de perdê-la para um terceiro, é a baixa tolerância demonstrada pelos sujeitos nas redes sociais. Ou seja, se o outro semelhante, vulgo amigo virtual, não corresponder às imagens ou status da maneira que o sujeito espera, o dito amigo é deletado da rede de amizades virtuais, demonstrando mais uma vez, a fragilidade da relação dos sujeitos com as imagens de ideal de Eu e dessa expectativa com a resposta inexistente do Outro (redes sociais).

Sendo assim, pode-se pensar o montante de sofrimento causado por essa ausência de resposta desse Outro, que assim como Narciso, que deleita-se com sua imagem, da qual não é uma produção fiel de si mesmo, mas sim uma imagem idealizada e romantizada com a qual pensa dialogar, mas não obtém resposta alguma e acaba por afogar-se nessa busca sufocante por esse amor, os sujeitos na atualidade dialogam com o lago virtual através da publicação de imagens idealizadas e romantizadas, e lançam ao Outro os diálogos de sua frustração, acabando por afogar-se na ausência de resposta do grande Outro que deixou nada mais do que um vazio. Ademais se supõe que assim como o pequeno *infans* que ao se olhar no espelho não se reconhece como sujeito totalizado, e necessita do significante materno para se reconhecer, mas que pela operação da afânise e da alienação se torna um sujeito constituído, porém vazio, os internautas colocam-se frete a esse novo espelho na esperança de que esse vazio seja preenchido, como se gritassem a esse Outro materno que um dia os deixou completo, que voltasse a amá-los, pois se apresentam perfeitos a ele (espelho/redes sociais). No entanto, apesar dos esforços em representar ao lago ou ao espelho uma vida que julgam ser a ideal, o Outro teima em deixa-los cair no vazio especular que é a realidade, tornando assim esse sintoma, num constante *looping*, de gozar com cada nova publicação e o de frustrar-se com cada ausência de resposta.

No entanto, apesar de apenas supormos o montante de sofrimento causado pela auto exposição excessiva nas redes sociais, a teoria psicanalítica contempla e dá suporte a essa hipótese. Percebe-se a necessidade de aprofundamento no tema exposto, já que pouco se fala ainda no assunto, apesar desse comportamento estar cada vez mais latente. De maneira alguma nos colocamos numa posição de julgamento das redes sociais, que cada dia se mostram como canais validos de marketing, de ferramentas de aproximação de pessoas do mundo todo, e de novos canais de comunicação, no entanto, assim como em cada século, ou em cada década a julgar pela velocidade em que novas tecnologias chegam ao mercado, há algo que gera um vazio na contemporaneidade, como dizia Freud, e exige aprofundamento para aplacar o sofrimento dos sujeitos. As redes sociais se mostram como mais um mal da atualidade quando o assunto é o vazio existencial dos indivíduos.

Conclui-se assim, que apesar das novas configurações de relacionamento na atualidade parecerem distantes do mito original de Narciso, nada mais são do que uma forma atualizada do mesmo. Relacionamos o então inocente lago na floresta, que ganha contornos de uma poderosa arma engolidora do sujeito, com as redes sociais virtuais, o novo lago de Narciso, que engole os sujeitos que se perdem em seus encantos.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR J. In. **Construindo o saber – metodologia científica: Fundamentos e técnicas** / Maria Cecília Maringoni de Carvalho (org.) – 2ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1989.

AMORIM E. R. **A relação entre o narcisismo e a realidade virtual segundo Freud e Lacan.** UniCEVB, Brasília. 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/235/8132>

ARAÚJO M. **Considerações sobre o narcisismo.** Est. Psicanal. nº34, Belo Horizonte, dez. 2010.

BARROS A. **Fundamentos da metodologia científica** / Aidil Jesus da Silveira Barros, Neide Aparecida de Souza Lehfeld. – 3. Ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BASTOS C. R. **O sujeito no primeiro ensino de Lacan: Lacan e o descentramento do cogito cartesiano.** PUC-MG, Belo Horizonte, 2006.

http://www4.pucminas.br/documentos/dissertacoes_claudio_bastos.pdf

BEHAR H. **Narcisismo: o imaginário da palavra.** Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de psicologia da USP, São Paulo, 1994.

BRUDER M.; BRAUER J. **A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação.** Psicologia em estudo, Maringá, v.12, n. 3, p. 513-521, set./dez. 2007.

CHIARA, I. D. et al. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde.** Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2008.

DEMARIA C. **Redes sociais: um olhar da psicanálise sobre as mentes narcisistas.** 2012.

DOR J. **Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem.**

Tradução Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artmed, 1989.

FERNANDES E. **Narcisismo e Cultura:** A relação entre psicologia individual e psicologia social na obra freudiana. Tese de Pós-graduação em filosofia pela UFSC, São Carlos, 2008.

FREUD S. (1930[1929]). **O mal-estar na civilização.** In. Edição Standar Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD S. (1914). **Sobre o narcisismo:** uma introdução. In. Edição Standar Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAIO F. **Narcisismo e corporeidade em Freud.** Tese de mestrado, UFJF, Juiz de Fora, 2015.

GERBASE J. **O poder do grande Outro:** Cogito, Salvador, v. 11, p. 26-28, out. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792010000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jun. 2018.

GRECCO M. **Os espelhos de Lacan.** Opção Lacaniana online nova série, ano 2, numero 6, novembro 2011.

HALT G. **O que são redes sociais?** Revista online Campo Grande News, 2014. Acessado em 25/09/2018 www.campograndenews.com.br/marketing-pessoal/o-que-sao-redes-sociais

IMANISHI H. **A metáfora na teoria lacaniana:** o estádio do espelho. Instituto de psicologia da USP, Boletim de psicologia, 2008, vol. LVIII, nº 129, 133-145.

PINTO M. M. M. **Fragmentação da identidade e comportamento narcisista no mundo das novas tecnologias.** Fasci-Tech – Periódico eletrônico da FATEC – São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, v.1, n.1, Ago./Dez. 2009, p. 63 a 73.

PISETTA M.; BESSET V. **Alienação e separação: elementos para discussão de um caso clínico.** Psicologia em estudo, Maringá, v.16, n.12, p. 317-324, abr/jun. 2011. <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a15v16n2.pdf>

PIZUTTI J. **A constituição do sujeito na psicanálise.** Tese de graduação em psicologia; UNIJUÍ. Ijuí, 2012.

PRODONAV, C.C; FREITAS, C.E. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE 2013.

LACAN J. (1953-1954) **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (capítulo IV O eu e o outro; capítulo X Os dois narcisismos).

LACAN J. (1901-1981) **Escritos**/Jacques Lacan. Tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN J. (1901 – 1981) **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)/ Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; tradução de MD Magno. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

MARCONI M.; LAKATOS E. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA-MENEGOTTO L.; HEIDRICH R. **Corpo e psicose**: articulações entre psicanálise e informática. Cad. Psicanal. – CPRJ, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 211-224, jul./dez. 2012.

RECUERO R. C. **Redes sociais na internet: considerações iniciais**. Revista da Associação Nacional dos Programas de pós- graduação em comunicação. Porto Alegre, 2004. Acessado em 25/09/18 <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/28/29>